

○ último poema do Imperador Adriano

Ivan Pésio de Arruda Campos

Nos últimos dois anos de vida, meu pai, Haroldo de Campos, tinha um projeto de traduzir alguns poemas de poetas romanos da “era de prata”, o qual, infelizmente, não chegou a realizar. Como também eu me interessei pelo período, discutimos esse assunto várias vezes. Em particular, uma de nossas últimas conversas a respeito deu-se em seu último mês de vida e versava sobre este poema (o **Anímula**) que foi escrito pelo imperador Adriano (*76 DC; Imp.117 DC; †138 DC), às portas da morte. Refletindo sobre o texto, Haroldo observou que o primeiro verso dispensa tradução, pois funciona em português e que tencionava dedicar-se ao poema logo mais. Como isso não ocorreu, propus-me, quando de seu falecimento, a atacar esse problema, como uma homenagem minha a meu pai.

Trata-se, na verdade, de um duplo problema tradutório, pois há duas versões diferentes do **Anímula**: a que incorpora as conjecturas (aqui apresentadas entre colchetes) de A. R. Birley¹ e a tradicional, que chegou até nós após ser continuamente recopiada à mão por 1380 anos. Birley, pensando em um fragmento supérstite de poema de Q. Ênio (239 AC – 169 AC) sobre o reino dos mortos (*Acherunsia templa alta Orci, pallida leti, nubila tenebris loca*, ou seja, algo como: os altos templos de Orco, às margens

CAMPOS, Ivan Pêrsio de Arruda. O último poema do Imperador Adriano

do rio Aqueronte, pálidos como mortos, lugares núbilos em suas tenebras) e sabedor de que Ênio era um dos poetas favoritos de Adriano, supõe que as imagens de Ênio tenham contribuído para a formação da visão que teria o imperador sobre o reino dos mortos, e vê, no quarto verso do **Anímula**, uma referência direta a Ênio, propondo que a última palavra desse verso deveria ser *nubila*, em lugar de *nudula*. Tanto meu pai como eu mesmo consideramos ser a versão de Birley provavelmente a correta. Entretanto, como a versão tradicional é muito conhecida e a mais divulgada, pareceu-me que nada restaria a fazer senão traduzir a ambas, em versões paralelas, que apresento a seguir:

VERSÃO TRADICIONAL ²

*Animula vagula blandula,
hospes comesque corporis,
quae nunc abibis in loca
pallidula rigida nudula?
nec ut soles dabis iocos.*

Anímula vágula blândula
do corpo sempre hóspede e amiga
a que lugares vais agora,
já pálida gélida núdula?
...e não mais nos dás logojogos.

VERSÃO DE BIRLEY ¹

*Animula vagula blandula,
hospes comesque corporis,
qu[o] nunc abibis? in loca
pallidula rigida nu[bi]la –
nec ut soles dabis iocos.*

Anímula vágula blândula
do corpo sempre hóspede e amiga
prá onde vais agora? lugares
tão pálidos gélidos núbilos...
...e não mais nos dás logojogos.

Adotar a solução haroldiana de manter o primeiro verso português paralelo ao latino teve como conseqüência resolver em octossílabos os dímetros iâmbicos de Adriano, o que funciona bastante bem, mas também teve o efeito colateral de tornar a tradução algo obscura em português, como resultado do uso concentrado de diminutivos em -ul- (anímula = pequena alma; vágula, de vaga, com o sentido de quem gosta de viajar, blândula, de branda = afável e núdula, de nua) e na escolha de núbilos (= obscuros, nublados)... mas atende ao objetivo original de fazer o latim soar em português.

CAMPOS, Ivan Pêrsio de Arruda. O último poema do Imperador Adriano

Agradecimentos

O autor agradece a Augusto de Campos, Ivone C. Benedetti e Luiz Carlos de Brito Rezende pela paciência e generosidade com que leram e discutiram várias das versões iniciais das presentes traduções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRLEY, A. R. *Hadrian, the restless emperor*, Routledge: N. York, 1997, p. 301-7.

SPARTIANUS, Aelius. *De Vita Hadriani* 25:9. In: *Scriptores Historiae Augustae*, vol. 1, Loeb Classical Library, Harvard: London, 1991, p. 78 (mas que foi impresso pela primeira vez por Froeben: Basel, 1518).

SOBRE O TRADUTOR

Ivan Pêrsio de Arruda Campos, 44, é químico, professor de ciência da computação, poeta e tradutor. Colaborou nas revistas *Corpo Extranho* 3 (1982) e *Código 12* (1989/1990), assinando como Pêrsio de Arruda e, mais recentemente, em *ZUNÁI* 7 (2005) e *MnemoZine* 3 (2006), como Ivan de Campos.